



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Arte, Cultura e Comunicação [ST]

UM TERRITÓRIO (DES)VALORIZADO CULTURALMENTE? DOIS TEMPOS (E LUGARES) DO BAIRO DA “QUINTA DO MOCHO”

MADEIRA, Cláudia

Doutora, Sociologia de Arte, FCSH/Universidade Nova de Lisboa, madeira.claudia@gmail.com

GARISO, Ana

Mestranda, Universidade Lusófona, anagariso@gmail.com

Resumo

Este artigo procura problematizar as dinâmicas territoriais e culturais que se verificaram desde 1997 a 2016 no Bairro da Quinta do Mocho, em Sacavém. De um bairro periférico em processo de realojamento, constituído por cerca de 5000 habitantes, na maioria africanos, a viverem em condições precárias (num núcleo de barracas térreas e 12 prédios em altura, semi-acabados, dos anos 70 e sem condições de saneamento básico) este território transformou-se num novo bairro denominado Terraços da Ponte implantado no mesmo local, com uma parte substancial da mesma população. Durante vários anos essa reabilitação urbana constituidora de um bairro social não foi suficiente para valorizar a identidade coletiva e cultural deste território. Contudo, recentemente, teve lugar no bairro um festival de Arte Urbana do qual nasceu uma galeria de graffiti que tem vindo a ser reconhecida nacional e internacionalmente, projectando o bairro como um local alternativo no circuito turístico e cultural. Importa analisar as dinâmicas de “positivação” deste território e os impactos para a identidade coletiva desta população.

Abstract

This article aims to discuss the territorial and cultural dynamics occurred between 1997 and 2016 in the Quinta do Mocho neighborhood, in Sacavém. Originally a peripheral neighborhood consisting of about 5000 inhabitants, mostly African, living in precarious conditions (a set of ground level shacks and 12 semi-finished high buildings from the 70s, with no basic sanitation) this territory became a new district called Terraços da Ponte, implanted at the same location, with a substantial part of the same population. For several years this urban regeneration consisting of a housing district was not enough to value the collective and cultural identity of this territory. Recently, however, an Urban Art Festival took place in the neighborhood and gave origin to a street art gallery that has been recognized nationally and internationally, projecting the neighborhood as an alternative location in the tourist and cultural circuits. It's important to analyze the dynamics of positive “shifting” of this territory and their impact on the collective identity of its population.

Palavras-chave: Território Periférico; Reabilitação Urbana; Turismo Cultural; Arte Urbana; Graffiti.

Keywords: Peripheral Territory; Urban Rehabilitation; Cultural Tourism; Street Art; Graffiti.

[COM0588]

1. O Bairro

O bairro da Quinta do Mocho encontra-se sediado nas proximidades do aeroporto da Portela de Sacavém. Tendo o seu historial ligado à edificação massiva que ocorreu na área metropolitana de Lisboa, nos anos 70, que implicava a construção em altura para fazer face à intensa migração, quer dos campos para as cidades, quer dos Países de expressão Portuguesa para Portugal, começou por ser projectado como um bairro J. Pimenta com cerca de 12 edifícios com 10 andares que, ainda em construção, acabou por ser ocupado clandestinamente. Em seu redor constituiu-se um bairro de barracas. Essa ocupação clandestina que se manteve por cerca de 20 anos foi maioritariamente constituída por população africana de diversas naturalidades: angolana, cabo verdeana, guineense, são tomense, moçambicana, mas também luso-africana nas gerações mais jovens.

No primeiro recenseamento do Programa Especial de Realojamento, em 1993, identificaram-se 1465 indivíduos e, em 1997, 3842 indivíduos (Madeira, 1997). O volume populacional crescente caracterizava-se por uma população predominantemente jovem – mais de 50% da população, em 1997, encontrava-se nos escalões etários até aos 29 anos – sendo que, em 1997, muitos dos seus ocupantes, sendo considerados estrangeiros, não apresentavam a sua situação residencial legalizada (Madeira, idem). Esta caracterização populacional aliada à inexistência de condições básicas de habitabilidade, como o saneamento e a segurança dos edifícios, assim como infraestruturas sociais de apoio à população, construíram uma imagem de bairro negativa e associada à exclusão social: criminalidade, conflitualidade e clandestinidade.

Foi, por isso, considerado um bairro de Intervenção prioritária pelo Governo, sendo o seu realojamento apresentado e discutido na Assembleia da República.

O projecto de realojamento constituiu-se essencialmente como uma solução habitacional. Foi projectado e construído um novo bairro no mesmo local denominado pela Câmara Municipal de Loures de “Terraços da Ponte” para acolher predominantemente a mesma população, apesar de actualmente cerca de 34% dos habitantes terem nacionalidade portuguesa, muitos porque a adquiriram, outros porque já nasceram em Portugalⁱ.

O facto de o realojamento ter mantido a mesma localização e grande parte da mesma população fez com que o nome “Terraços da Ponte” não tenha sido adoptado, tendo sido desenvolvidas as designações identitárias “Mocho velho” e “Mocho novo” para designar o “antes e depois” do realojamento. Há cerca de dois anos, o nome Quinta do Mocho começou a substituir uma conotação negativaⁱⁱ, por uma outra predominantemente positiva, nomeadamente na comunicação social, por via de um processo de recuperação cultural do bairro, que deu origem a uma galeria de arte urbana. O bairro tem vindo a transformar-se, desde então, num marco turístico com projecção internacional para a cultura da street art.

2. Festival ‘O Bairro i o Mundo’

A Associação Teatro Ibisco - Teatro Inter Bairros para a Inclusão Social e Cultura do Optimismo tem tido recentemente um papel importante na vida deste bairro.

O Teatro Ibisco começou como um workshop financiado através do Programa Escolhas, do Alto Comissariado para as Migrações, no período específico de 2009, com o objectivo de utilizar o teatro como ferramenta para a união entre os jovens dos bairros mais carenciados do concelho de Loures. Desse projecto nasceu em 2010 o grupo que tem contado desde o início com o apoio da Câmara Municipal de Loures e trabalha junto das várias comunidades do concelho.

Em 2013, um conjunto de promotores coordenado pelo Teatro Ibisco e a Câmara Municipal de Loures promoveu um festival no bairro da Quinta da Fonte, programado em torno da arte urbana. Este projecto viria a ser replicado em 2014 na Quinta do Mocho, com o objectivo principal de alterar a imagem interna e externa do bairro, através da requalificação artística dos edifícios e reabilitação do espaço público e

equipamentos colectivos, com a mobilização dos moradores. Os primeiros murais foram feitos por cinco artistas convidados no período do festival e actualmente a galeria tem já mais de 50 obras, de artistas de várias nacionalidades. Embora nem todos os murais tenham um conteúdo ligado ao próprio bairro, alguns procuram homenagear os habitantes (como é o caso do mural de Vhils com o retrato de DJ Nervoso) ou refletir sobre os problemas que afectam a população em geral. O artista francês MTO fez um trabalho denominado ‘Worker ghetto box’ que representa uma caixa de mercadoria invertida, vinda de África com destino a Portugal, para questionar o facto de, nas suas palavras “os trabalhadores africanos serem atirados para as periferias sem acesso a participar da cidade cujo desenvolvimento ajudam a promover”; o mural ‘Take your mask off’, da autoria de Nomen, procura dar visibilidade à máscara que os moradores da Quinta do Mocho têm de utilizar na sua vida fora do bairro para poderem ser aceites, e que tiram à noite, quando voltam a casa; o colectivo Projecto Matilha pintou um dobermann com um pequeno pássaro – o Woodstock, do Snoopy – pousado no focinho, com a intenção de demonstrar que, apesar de serem vistas como perigosas, as pessoas que habitam o bairro são pacíficas e é preciso quebrar esse preconceito.

A Câmara Municipal de Loures chamou a este conjunto de murais ‘Galeria de Arte Pública’ e, desde Fevereiro de 2015, promove visitas guiadas, conduzidas por jovens moradores do bairro, que recebem actualmente mais de 500 pessoas por mês, incluindo estrangeirosⁱⁱⁱ. A explicação que os próprios jovens do bairro dão de cada mural é importante porque eles acompanham os artistas no processo de criação e execução dos murais e têm a sua perspectiva para partilhar com o público.

A galeria Underdogs também organiza visitas guiadas sobre arte urbana a partir de Lisboa e muitas passam pelo bairro, mas não conseguimos obter números exactos de visitantes, sabemos apenas que, na sua maioria, são estrangeiros.

Actualmente, o Teatro Ibisco, a Galeria de Arte Pública e a editora Príncipe Discos que representa e promove muita da produção musical do bairro a nível nacional e internacional, são os três principais motores de dinamização socio-cultural deste território.

3. Do mundo para o bairro

Desde o começo das intervenções artísticas no bairro até à actualidade houve aspectos positivos, desde logo, na mobilização dos artistas do bairro para a participação no festival, e depois na limpeza e manutenção dos edifícios e áreas exteriores, na própria economia do bairro, uma vez que abriram alguns negócios locais, como cabeleireiro, restaurantes, mercearia, nos transportes públicos que voltaram a circular, nomeadamente uma linha de autocarros da Rodoviária de Lisboa e os táxis que já não se recusam a levar clientes à Quinta do Mocho.

O resultado destas intervenções foi percebido pela população do bairro de forma diferenciada. Algumas entrevistas exploratórias, realizadas em diferentes contextos, tornaram claro que os habitantes mais velhos mantêm bastantes queixas sobre o processo de realojamento e sobre a falta de acompanhamento que se verificou nos anos subsequentes e não reconhecem que a nova dinâmica cultural tenha trazido melhorias significativas à vida dos habitantes. Nas gerações mais novas, pelo contrário, há manifestações de orgulho em viver num bairro que é agora reconhecido culturalmente. Alguns jovens dizem que já não têm vergonha de dizer, na escola, de onde são. O seu discurso não replica a nostalgia dos adultos e é claramente optimista.

Independentemente disto, é claro que estas gerações mais novas apresentam uma renovada autoestima que se deve à nova imagem positiva do seu bairro, consentânea com a comunicação que tem vindo a ser produzida sobre ele. Uma simples pesquisa na internet, que há alguns anos devolvia apenas notícias de teor negativo, agora sugere inúmeros links de reportagens do Público, do Expresso, da SIC, da TVI, divulgando a transformação que resultou desta intervenção.

É preciso não esquecer que esta nova perspectiva sobre a Quinta do Mocho é feita a partir de referências exteriores, apesar de negociadas, porque a cultura de street art veiculada é externa ao bairro e sobrepõe-se à diversidade de identidades e pertenças étnicas desta comunidade, nem sempre conciliáveis entre si, e contaminadas por uma imagem de marginalização.

4. O bairro é o mundo

O potencial dialéctico e dialógico da street art ou do chamado pós-graffiti^{iv} torna-o muito atraente para os gestores públicos como ferramenta de intervenção em áreas problemáticas, ou fisicamente degradadas, com as quais o diálogo não é fácil, porque estas comunidades ainda se identificam com o que o graffiti representa na sua origem; mas o pós-graffiti tem este potencial porque adoptou muitos dos sistemas de linguagem do design e da publicidade, o que o torna passível de tornar-se, ele próprio, um artigo de consumo. Neste sentido, existe o risco de este tipo de intervenção acabar por ter apenas um sucesso momentâneo enquanto atracção para um público específico, de ser apenas um fenómeno de moda, sem contribuir de outras formas para a promoção de transformações mais profundas no território que ocupa.

Esta “domesticação” do graffiti diminui o seu poder transgressivo, como refere Ricardo Campos (2010), ou seja, ainda que se verifique uma alteração do estatuto de uma arte marginal para uma arte integrada - no sentido atribuído por Howard Becker no seu livro *Art Worlds* (1982) - ele só por si não promove dinâmicas estruturais que possam levar à efectiva mudança social.

Essas dinâmicas precisam de ser sustentadas no tempo, para que as mudanças geradas não se traduzam em processos efémeros. É preciso criar um processo de mudança social, onde planeamento estratégico e programação de cidade se entrecruzem. As programações de arte e comunidade, quando assentam em sistemas de democracia participativa, contemplando as diversas vozes presentes, muitas vezes têm esse impacto de relação entre o interior e o exterior do bairro: permitindo que entrem novas pessoas no bairro, reconstruindo a sua imagem, criando novas estruturas de apoio aos habitantes, gerando uma participação que promova o que Rogoff e Schneider (2008) denominam de “ficções sociais”, que sirvam cenários alternativos e mais inclusivos em relação à realidade prevalecente.

O principal valor destas “ficções sociais” é “experimentar com o possível e, ao mesmo tempo, produzir narrativas que ressoem no presente” (idem: 349). Mas, é preciso não esquecer que o seu potencial encontra os seus efeitos e defeitos na mesma prática em que se baseiam: na participação, porque aqui um discurso sobre a participação e “emancipação do receptor” não é suficiente para que esta se efective. É preciso aferir e avaliar esta participação no processo de mudança social.

Até ao momento, a experiência em curso sugere a pertinência de um pensamento híbrido entre programação e planeamento para o território, de modo a que esta era do pós-graffiti não seja só um instrumento de mudanças estilizadas e superficiais, de apagamento da sujidade e degradação, mas que, pelo contrário, permita novas performatividades no bairro, uma efectiva participação cidadã na sua relação com o mundo, respeitando as identidades plurais existentes e associando-as a uma dinâmica de integração social.

Referências Bibliográficas

Becker, Howard Saul (1982). *Art worlds*. Berkeley: University of California Press.

Campos, Ricardo (2010). *Porque pintamos a cidade? Uma abordagem etnográfica do graffiti urbano*. Lisboa: Fim de Século.

Madeira, Cláudia (1997). *Levantamento socio-demográfico da Quinta do Mocho*, documento técnico produzido enquanto técnica superior de sociologia do Departamento de Habitação da Câmara Municipal de Loures, sem publicação.

Marôpo, Lidia (2014). Identidade e estigmatização: as notícias na percepção de crianças e jovens de um bairro de realojamento, *Análise Social*, 210, XLIX (1.º).

Rogof, Irit; Schneider, Florian (2008). “Productive Anticipation”. In *Cultural Politics in a Global Age – Uncertainty, Solidarity, and Innovation*. Edited by David Held and Henrietta L. Moore, 346-357, Oxford: OneWorld.

Waclawek, Anna (2011). *Graffiti and Street Art*. New York: Thames & Hudson.

ⁱ Fonte: Câmara Municipal de Loures, dados disponibilizados em 2016.

ⁱⁱ Lídia Maropo, no seu estudo Identidade e estigmatização: as notícias na percepção de crianças e jovens de um bairro de realojamento, afirma que “uma pesquisa pelo termo “Quinta do Mocho” no Google Notícias dá pistas iniciais para responder à questão. Constatamos uma esmagadora predominância do tema criminalidade, como por exemplo: “Jovem esfaqueado nove vezes nas costas na Quinta do Mocho” (Jornal de Notícias, 18-08-2011); “Técnicos de saúde nem querem cá vir” (Jornal de Notícias, 25-08-2008) e “PSP ferido em desacatos na Quinta do Mocho teve alta” (Diário de Notícias, 06-08-2011)”, in *Análise Social* 210, XLIX (1.º), 2014.

ⁱⁱⁱ Fonte: Câmara Municipal de Loures, 2016.

^{iv} O termo ‘pós-graffiti’ foi utilizado pela primeira vez em 1983, para nomear uma exposição de writers na galeria de arte Janis, em Nova Iorque. Hoje é usado para designar o trabalho de artistas que vai para além das assinaturas e do trabalho em lettering das tribos, ou crews de graffiti. Anna Waklavec (2011), por exemplo, afirma que o pós-graffiti, para além de representar o criador, veicula uma ou mais ideias de natureza política, satírica, figurativa ou divertida, o que faz dele uma manifestação artística inclusiva.